



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipographia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mael Barboza

A defesa das liberdades politicas

Grave não crê na «guerra de libertação», confessa que falar disso é ir longe demais e deixa o cuidado de explicar tais hipérboles aos que as empregaram. Num artigo que traduzimos para o nosso número de 21 de Janeiro declarou mesmo que «o erro de muitos dos nossos camaradas franceses foi quererem justificar a sua participação na guerra com uma pretensa defesa dos nossos direitos, da nossa liberdade, quererem estabelecer um confronto entre a situação presente e a de 1792 e decantaram-nos o «sopro» de liberdade que lhes diziam ter unido a Europa contra a Alemanha».

Entretanto, Jean Grave acha que alguma coisa há que defender em França contra a invasão teutonica e contra o triunfo do militarismo germânico. Alguma coisa, que não é propriamente a forma politica, exageram as diferenças entre os diversos países sob o ponto de vista das liberdades elementares.

Para conveniência da sua tese, mesmo os que, partidários da intervenção na guerra em favor dum Estado, conservam a medida do justo ou do razoável, como João Wintch (artigo de *Le Réveil*, reproduzido no n.º 8 de *Acción Libertaria*), exageram as diferenças entre os diversos países sob o ponto de vista das liberdades elementares.

Respondendo precisamente a Wintch, em *Le Réveil*, dois camaradas faziam-lhe notar que «a florescência das comunas da idade média» produziu-se em quase todos os países da Europa. «A supressão da feudalidade... movimento de 1789 com a ligeira emancipação camponesa que elle trouxe iniciaram-se com efeito em França; mas esta não combate agora de concerto com a Rússia, onde a servidão só em 1861 foi abolida e onde a condição dos aldeões é o que todos sabemos, e com a Inglaterra, onde 523 famílias possuem o terço do terreno cultivável? Um certo grau de liberdade de reunião e de imprensa; é certo que em França se escrevem coisas que não poderiam imprimir-se impunemente por toda a parte; mas, em compensação, haverá um país onde tam facilmente se apanhem 3 e 5 annos de cadeia por um artigo? «A insurreição comunalista de 1871» não a negamos: mas a repressão desse movimento, assim como as represálias após 1848, não era isso igualmente francês? E as leis scleradas? (*Le Réveil*, de Genebra, 23 de Janeiro).

Em todo caso, alguma diferença existe, de país para país, entre os graus médios de liberdade, conquistada e mantida pelo povo, não garantida pelas leis e formas politicas; assim como existe alguma diferença, sob tal ponto de vista, entre as várias regiões, entre os grandes centros industriais e as províncias do mesmo Estado, sujeitas ás mesmas leis constitucionais.

Essa «alguma coisa», fruto de tantas lutas, constitui para Wintch um patrimônio digno de defesa. Também para nós. «Não é a anarquia, diz elle, mas são condições de vida que lhe facilitam a germinação».

Os dois camaradas acima aludidos objectam a isto que tal afirmação supõe o conhecimento daquellas condições. Ora, se ninguém pode afirmar que o movimento operário é necessariamente tanto mais revolucionário quanto mais reaccionário for o regime politico e social (Rússia), tampouco ninguém poderá garantir o contrário,

sem omitir factos concretos de primeira importância (Suíça).

E com efeito, no domínio dessas hipóteses, tanto pode prever-se o esmagamento das magras liberdades conquistadas agravando-se o regime politico, como o despedaçar-se deste de encontro ás resistências suscitadas.

Em todo caso, o nosso papel é defender a liberdade contra a reacção, embora esta possa, em certas circunstâncias, favorecer indirectamente a nossa causa. E', pois natural a defesa das conquistas populares contra um fortalecimento do poder opressivo e repressivo do Estado: a questão toda está em saber como e contra quem organizar a defesa.

Como, nesta questão da guerra, o debate não versa sobre a defesa integral das liberdades adquiridas, mas sim sobre a duma, diferença apenas, entre governos ou entre graus de liberdade politica, alguns poderiam ainda perguntar se semelhante diferença, pouco visível, sobretudo do ponto de vista da emancipação integral do proletariado e da humanidade, merecerá o supremo sacrificio da vida e da coerência—dessa coerência, não absoluta e divina, mas humana e relativa, esforço sincero e progressivo, tam útil á força moral do propagandista, tam necessária á força expansiva duma propaganda.

Mas para muitas naturas generosas e combativas, que não regeiam o esforço, que ardem de impaciência pela acção, que se inflamam facilmente ante os scenários grandiosos, que não reparam muito nos resultados, o sacrificio vale sempre a pena. E explica-se muito bem que, em França, sob a influencia do entusiasmo colectivo, vendo-se a guerra como uma luta pela liberdade, entre um militarismo agressor e uma democracia pacifica e agredida, não tenha faltado, entre os revolucionários sociais, quem decantasse e praticasse o grande sacrificio presente pelo que julgava ser o bem da revolução futura ou mesmo por muito menos.

Não se trata, porém da mesquinhez dos resultados. Trata-se de saber se a guerra é meio próprio para defender liberdades, se ella é realmente uma luta entre a liberdade de um lado e do outro o despotismo, se o resultado não será sempre um acrescimo de tirania, se a colaboração voluntaria e idealizada com o militarismo, o Estado, a burguesia, não trará o fortalecimento dessas instituições nefastas, se, em suma, não estão enganados os que falam em «guerra de libertação» e os que regeitam essa frase, mas aceitam afinal a idea, moderada embora. Eis o nó do debate, sobre o qual insistiremos.

A neutralidade belga

A violação da neutralidade belga por parte dos alemães foi dada como razão principal da intervenção inglesa na guerra. Ora já em 1905 Delcassé, em artigos e discursos, garantia que a Inglaterra auxiliaria a França numa guerra contra a Alemanha. Sir Edward Grey reconheceu ter garantido ao embaixador francês em Londres, em dezembro de 1905, que a Inglaterra ampararia materialmente a França numa guerra franco-alemã e ter ao mesmo tempo autorizado negociações para combinar um plano de acção militar conjunta. Isto, por sinal, deu força e prestigio ao

partido militar alemão, que se serviu desse pretexto para se reforçar e pedir novos armamentos. E' o jôgo infame dos militarismos diversos.

No livro diplomatico francês (Livro Amarelo), vem reproduzido um telegrama do embaixador Paulo Cambon, segundo o qual, em 31 de Julho de 1914 (dois dias antes de haver a Alemanha pedido passagem pelo território belga), Sir Edward Grey afirmou á Alemanha que, se o conflito se generalizasse e em particular se envolvesse a França, a Inglaterra não podia ficar neutral.

Na Rússia, em véspera da actual guerra, havia hesitação; mas o que mais veio contribuir para a vitória do partido da guerra foi a convicção, adquirida nos últimos dias de julho, de que a Inglaterra interviria. Do papel da Rússia falaremos depois.

Os bons pretextos nunca faltam.

Aos Agentes

Levamos ao conhecimento de todos os nossos agentes que deviam mais de 6 remessas, que, caso não as liquidem até á próxima quinta-feira, nos vemos forçados, em virtude de grande deficit do jornal, o cortar-lhe o envio do periodico.

A Administração,

Notas Rubras

Exortando...

Por meu alvedrio, tambem sou um dos que entendem convictamente que a revolução social não brotará apenas duma ingente miséria dos trabalhadores.

Ainda agora—com a exorbitante carestia da vida e com a enorme crise de trabalho—se podem tirar fructas ilações bem corroborativas da minha forma de pensar.

Tirante essa grandiosa manifestação de Setembro p. p.—obra duma audaciosa e revolucionária minoria—o proletariado conserva-se pouco menos do que insensível perante a falta de trabalho e o encarceramento de tudo o que é indispensavel á existencia.

E no entanto, se fôssemos inquirir, por esses lares do povo, do estado economico em que vegeta a classe operária, quanta miséria, quanta desgraça, quanta dôr turturante se nos depararia!

Porem, apesar de tudo isso, a maior parte das associações de classe arrasta-se quase agonizante e os comícios de protesto contra o açambircamento dos géneros e de reprovação á horrivel chacina guerreira—fomentadora da morte, fome e peste, trilogia maldita—em que se encontram, fraticidamente, envolvidos muitos países, são pouco ou nada concorridos.

O povo sofre miséria verdadeira, mas falta-lhe uma pura consciencia revolucionária.

Nestas condições, prefere morrer faminto, covardemente, estupidamente, a cometer um gesto de autentica revolta.

Ah! como é triste presenciar que as multidões proletoras se acham numa apatia criminosa, com os sentimentos de reivindicacão embotados!

Povo faminto, oprimido e explorado! Sai da vergonhosa inacção em que permance! Desperta já, sem demora, afim de combateres os males de que soffres.
C. RODRIGUES.

Abaixai os corações!

Dir-se-ia que é actualmente o único santo-e-senha entre os que orgulhosamente se intitulam os «intelectuais! Enquanto uns, obedecendo ao seu credo reaccionário, pregam o heroismo, a abnegação, o esquecimento de si, a beleza do sacrificio, a renúncia pela salvacão da Pátria, aquecendo regaladamente as candelas ao canto do lume; enquanto esses destemidos parceiros fazem o que podem para agitar nas massas o mais baixo que há nas paixões humanas; o medo, o ódio, o espirito de vingança, a cupidez com o nome de conquista e de glória,—que é feito des que outrora reclamavam connosco a abolição das fronteiras e dos exercitos permanentes, que decantavam a grande fraternidade dos povos? Uns fazem côro com os canibais da reacção. Os outros, até hoje, não sei porque motivos, calaram-se.

Tendo sido o poder civil bastante nulo para se deixar pôr sob campânula pelo casta militar, confiando a esta toda a iniciativa, é ella que neste momento domina a situação, que é senhora da hora.

O militarismo que sonhámos derribar, que nos convidam a esmagarmos na Alemanha, vai-se tornando indispensavel entre nós, preparando-se para ser aqui mais forte do que nunca. O militarismo, abominavel na Alemanha, faz-se entre nós admiravel e sacrossanto.

Por não termos sabido tomar conta dos nossos interesses e defender-nos directamente, eis nos entregues, atados de pés e mãos, a um poder que nunca brilhou pela intelligência e que por isso aceita menos a critica. Seria criminoso não admirar tudo o que elle faz. Seria fazer causa comum com o inimigo criticar as suas asneiras. Na hora presente, quem ousaria incorrer na suspeita de ser mau patriota? Abaixo a Alemanha!

Sucedeu o que prevíramos. Tendo nos dado razão os acontecimentos, pareceria que isso é mais um motivo para clamar com mais força os nossos desejos de conciliação, as nossas esperanças de ver a guerra matar a guerra. Isso deveria dar-nos coragem para fazer compreender á opinião pública que, tendo sido enganada e escaracada, deve aproveitar a lição. E' o momento de lhe fazer tocar com o dedo as verdadeiras causas do conflito que ensangenta a humanidade, de lhe explicar que ella deve intervir para que se não renovem os mesmos erros, para que sejam impedidos de recommear os que nos empurraram para a armadilha...

Neste momento domina-nos a reacção. O militarismo está a tratar de nos escravizar e de se fortificar entre nós. Pelos milhares de bocas da imprensa cotidiana, deforma-se a opinião pública com mentiras incessantemente repetidas. Desvairam-na, suscita-se nas massas a sede de sangue e de represálias, verdadeiro meio de tornar interminavel a cantiga. Política estúpida e criminosa.

Se não queremos que seja irreparavel o mal, já grande; se não queremos ver arrebatada pela corrente de selvajaria que se procura soltar o trabalho humano dos últimos annos, é urgente que se faça ouvir a voz dos homens razoáveis. Para contrariar essa corrente, são precisos homens, tempo e dinheiro. Continuarão calados os que julgam que ás relações entre povos devem presidir o

acôrdo, a solidariedade e a tolerância?

Há já meses que na Inglaterra funciona o grupo «União para a vigilância democratica» que tomou o encargo de levar a opinião pública a encarar a paz pelo acôrdo dos povos e o desarmamento por consentimento mútuo.

Por a opinião pública não ter sabido fazer-se ouvir a tempo é que fomos arrastados á pior das calamidades. Quereis que ella hoje se faça cúmplice das armadilhas que lhe preparam?

Se um dia forem impostas aos vencidos condições implacáveis de paz; se mais uma vez for violado o direito das gentes contra um povo, seja elle qual for, sejam quais f rem as suas faltas, sejam quais forem os seus crimes, preparando-nos uma nova era de armamentos insensatos, de estúpidas provocações, alimentando a sede das desforras futuras, prelúdio de novas chacinas, adeus humanidade: teremos o regresso á barbaria.

Será então tarde de mais para lamentar não ter sabido falar quando era tempo. Pensaí que uma consciencia perturbada é um mau companheiro, que grita tanto mais fortemente quanto mais se tenta sufocá-lo, quanto mais impossível lhe é reparar o mal que ajudou a fazer.

Junho 22 1915

JEAN GRAVE.

Nota da Red.—Este artigo, que traduzimos do *Réveil* de Genebra (6 de Março), foi suprimido pela censura francesa. Devendo á sua extensão, tivemos de cortar uma grande parte, na qual Grave diz que, no meio dos clamores selvagens dos nacionalistas, não se ouve uma voz de protesto, entretanto tam necessária para clamar com retumbancia que os responsáveis estão de todos os lados, na qual lamenta a falta de homens como Bernardo Lazare, capazes de afrontar a matilha, e pergunta onde estão os homens da «Liga dos Direitos do Homem», os escritores emancipados como Mirbeau, ou ao menos os pacifistas.

Tarrida del Marmol

A semana passada fomos surpreendidos pela triste noticia: Tarrida del Marmol, o intelligente e activo camarada que ha tantos annos reside em Londres, escrevendo em muitos jornais anarquistas, orientando os novos e prestando á sciencia e á filosofia o seu valioso concurso, deixára de existir...

Que dizer desse homem dum alto valor intelectual e que á causa da Anarquia dedicou, durante a sua vida, todos os seus esforços, que nós não o sabíamos?

«Tarrida, o anarquista convencidissimo, conhecendo profundamente a filosofia e a sciencia social, era um homem dotado dum caracter forte sempre disposto a defender os que trabalham. Orador e escritor correcto, possuía uma rara eloquência e um poder de argumentação que fazia vacillar todos os seus adversários em ideas.

«Desde muito novo, ainda uma oriança, começou a dar provas das suas grandes faculdades intellectuais para a luta social em defesa do ideal que abraçára.

«Uma prova do seu affecto, do seu entusiasmo e do seu amor pela causa dos explorados, encontra-se no seguinte.

«Seu pai era proprietario duma fábrica de calçado. Uma vez os operários, que lá trabalhavam, declararam se em greve. Tarrida,